

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO – SEAB
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL – DERAL
ÁREA DE BIONERGIA E SUCROALCOOLEIRA – ABS

A CANA-DE-AÇÚCAR E O SEGMENTO SUCROALCOOLEIRO
(A ESTIMATIVA PARA 2011)

Disonei Zampieri <zampieri@pr.gov.br> - Abril/ 2011

A terceira estimativa (março) à safra 2011, indica ao Paraná uma expansão em área de 2,6%, com a ocupação de 642 178 há, para a oferta potencial de 52 milhões de t de cana, e, com um rendimento médio usual, em torno de 80 t/ha, o que praticamente mantém estabilizado o mercado do Paraná, com relação as últimas safras.

Essa situação vem se sucedendo desde o período 2007/08 até hoje, principalmente, devido ao ajuste à conjuntura nacional e internacional, aos fatores climáticos, bem como a decisão própria das usinas e destilarias, na preferência pela produção maior de álcool ou açúcar em termos de rentabilidade econômica e compromissos com os contratos de fornecimento.

Em paralelo, ao Brasil nota-se o mesmo comportamento de retração, à safra 2011 (fevereiro), onde a área é de 9 591 546 ha e a produção potencial (plantada) de 661 440 091 t., e um rendimento de 78,2 t/ha, ou seja, um desempenho de (6,3%), (9,3%) e (1,4%) inferior a 2010, respectivamente. Além do ranking dos principais Estados pode-se perceber que a retração em área foi extrapolada aos Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, conforme tabela 1.

Tab.1- A estimativa segundo os principais Estados do Centro-Sul do Brasil – 2011/ fevereiro

Indicador	Área (há)	Produção (t)	Participação Oferta (%)
Brasil	9 591 546 (6,3%)	661 440 091	100
São Paulo	5 378 750 (4,7%)	397 999 819	60,2
Minas Gerais	892 961 1,5%	61 596 356	7,2
Goiás	706 432 2,7%	47 370 302	7,2
Paraná	642 178 2,6%	52 000 000	7,8
Mato Grosso do Sul	472 000 16,7%	42 008 000	6,3
Mato Grosso	256 102 (7,1%)	14 286 290	2,1
Região Nordeste*			
Alagoas	480 000 4,6%	25 800 776	3,9
Pernambuco	423 561 4,5%	21 418 510	3,2

Fonte: Ibge; Seab-Deral; *Refere-se a Safra 2010 em andamento.

O cenário da oferta de produtos para 2011, é claro a depender do comportamento do clima em 2011, onde a previsão sinaliza um ano muito mais adequado no tocante a regularidade dos dias de chuva e sol, com o fim do La Niña, bem como das variáveis inerentes ao mercado, é de um pequeno crescimento segundo as agências e consultores técnicos particulares ligados ao segmento sucroalcooleiro, já que a primeira e ampla previsão de safra por parte da Conab, será divulgado somente ao final de abril.

Assim, a estimativa de expansão no Paraná é de 8,5% em cana, 13,3% em açúcar e 6,3 % em álcool. Em 2010 a moagem atingiu 43,3 milhões de t., que proporcionou a oferta de 3 milhões de t., de açúcar e 1,6 bilhão de litros de álcool. A se concretizar essa performance estimada o Paraná terá uma participação de 8,6 % sobre o açúcar e 6,5 % sobre o álcool produzido no Brasil.

Por sua vez, com a devida cautela, já que a safra apenas se inicia nos Estados que compõe a Região Centro-Sul, pode-se observar o cenário a curto prazo, tabela 2.

Tab.2- Estimativa da oferta de produtos para 2011 – Paraná e Brasil/ março

Indicador	Cana (t)	Açúcar (t)	Álcool (l)
1. Paraná	47/ 48 milhões	3,4 milhões	1,7 bilhão
2. Brasil	611/ 618 milhões	39,55 milhões	26,13 bilhões
2.1. Centro-Sul	550/ 570 milhões	34/ 35 milhões	24/ 25 bilhões
2.1. Norte/Nordeste	65/ 68 milhões	4,45 milhões	1,94 bilhão

Fonte: Datagro; Unica; Alcopar; Seab-Deral.

A nível internacional a indústria automobilística vem investindo na pesquisa de novas fontes de energia, como alternativa à utilização de combustíveis fósseis. Sempre visando uma motorização de maior eficiência e, é claro de menor consumo relativo e emissões.

No Brasil, que há o Programa do álcool, desde 1975, inicialmente na mistura de 22% na relação álcool/gasolina e, após em 1979, de veículo exclusivamente movido a álcool. Em 2003, aparece o “flex”, que pode utilizar qualquer mistura de gasolina e etanol, onde já foram vendidos, no período, cerca de 12,5 milhões de unidades, alcançando uma participação média de 85% do mercado de veículos leves.

Por sua vez o desempenho internacional, baseado na venda de açúcar até fevereiro/2011, o Paraná exportou 186 218 t, ou (4,4%) inferior a 2010, embora a compensação na elevação do preço que atingiu US\$ 491,04/ t FOB Porto de Paranaguá, o que representa uma elevação de 56,3% sobre a cotação de 2010. A participação atual no comércio internacional Paraná/ Brasil é de 5,2 %.

Para o álcool, com a exportação de 240,15 milhões de litros a retração foi de (6,3%), que igualmente viu o preço subir para US\$ 0,826/ litro FOB Porto de Paranaguá, ou seja, 14% superior a 2010. Nesse caso a participação no comércio Paraná/ Brasil é de 13,25%.

A situação dos preços ao produtor no período 2011/março em relação a 2010/março, indica que o álcool anidro subiu 64%, o hidratado 159%, enquanto o preço do açúcar cristal, teve uma elevação discreta de 1,5%, nas usinas e destilarias de São Paulo, sob os indicadores e as condições especificadas na tabela 3 a seguir.

Por sua vez, a cana ao produtor no Paraná sinaliza uma evolução de 23,1% em relação a 2010, bem razoável, já que, estamos em início de safra. Paralelamente, merece destaque a valorização dos preços FOB em nível de balança comercial, via Porto de Paranaguá, onde o açúcar subiu 52% e o álcool cerca de 30%.

No ambiente do varejo a elevação do preço dos quatro tipos de açúcares pesquisados, sempre crescente nos últimos anos, porém, muito mais modesta, alcançou 8,2% no cristal, enquanto o refinado subiu 4,1%. Já no conjunto dos especiais, o mascavo, manteve-se praticamente inalterado, com 0,5% de elevação, enquanto o orgânico, que vem mostrando uma boa desenvoltura, inclusive com novas marcas no mercado varejista, subiu 5,9%, no período, conforme tab. 3.

Tab.3- Evolução dos preços no segmento sucroalcooleiro- Paraná e Brasil-2011/2011/ base março

Indicador	Valor 2010	Valor em 2011	Variação %
Álcool anidro produtor destilaria SP (R\$/litro)*	0,89	1,46	64
Álcool hidratado prod. destilaria (SP)(R\$/litro)**	0,77	1,99	159
Açúcar cristal ao produtor usina (R\$/kg)***	1,34	1,36	1,5
Cana ao produtor esteira PR (R\$/t)	33,63	41,4	23,1
Açúcar exportação Fob Paranaguá (US\$/t) ****	323,05	491,04	52
Álcool exportação Fob Paranaguá (US\$/l) ****	0,68	0,88	30
Açúcar cristal varejo PR (R\$/kg)	1,95	2,11	8,2
Açúcar refinado varejo PR (R\$/kg)	1,95	2,03	4,1
Açúcar mascavo varejo PR (R\$/kg)	6,38	6,41	0,5
Açúcar orgânico varejo PR (R\$/kg)	3,4	3,6	5,9

Fonte: Cepea; Unica; Mdic; Seab-Deral; *Sem frete e sem impostos; **Sem frete e sem impostos; ***Sem frete e com impostos; **** Refere-se ao mês de fevereiro.

Por sua vez no que tange a expectativa para 2011, o setor trabalha com a manutenção da rentabilidade do açúcar, porém com relação ao álcool o preço deve continuar elevado ao longo de abril e maio. A relação oferta/ demanda começa a se reorganizar a partir do final de abril, quando a maioria das destilarias já estarão trabalhando normalmente.

A combinação de fatores, como a elevação do consumo via incremento da venda do veículo “flex”, o clima em 2009/2010, alternando, seca e úmidade, o reduzido volume de investimento, bem como e principalmente a maior produção de açúcar, afetaram a oferta interna de álcool, resultando na alta do preço e sua perda de competitividade frente a gasolina.

Da mesma forma cabe lembrar e voltar ao período 2006 a 2008, que com o preço baixo do álcool, o ajuste setorial à economia mundial, provocou uma substancial redução de crédito às usinas, ampliando consequentemente o grau de endividamento que por sua vez vem acelerando o processo de venda e concentração do setor.

Cabe lembrar que a própria lavoura de cana pós 2008, viu reduzir o volume de investimento, tanto em plantio, como em tecnologia, com o conseqüente impacto no índice de rendimento por unidade de área. Essa situação na realidade coloca-se como o principal desafio ao setor em geral, prevendo a médio prazo a recuperação do plantio e adequado trato às lavouras em adubos, é claro, baseado no comportamento do preço estimulante do álcool.

Ao nível de reflexão a estratégia dos combustíveis está passando por impactos seguidos desde o início de 2011, inclusive com a importação de cerca de 200 milhões/l de álcool dos EUA. Paralelamente acontece a importação de 1,5 bilhão l/gasolina, onde era exportador.

Uma retrospectiva rápida da história. No 1º choque (1973) como o Governo não repassava ao diesel o aumento do barril de petróleo, expandiu a demanda e a frota, mas lançou o Proálcool, obrigando a mistura de 22% de álcool anidro à gasolina. Até esse período as refinarias foram construídas para aumentar a escala de eficiência em diesel, onde sobra gasolina, mas falta diesel, exatamente onde começa a importação de forma mais vigorosa.

Enquanto no 2º choque (1979/1980), tem início o segundo momento do Proálcool, com o lançamento do álcool hidratado para veículos exclusivos a gasolina, embora continue o processo de expansão do diesel.

Um terceiro momento (1986), com a queda relativa do preço do petróleo, o álcool hidratado por pouco não some por inteiro da política brasileira de combustíveis.

Uma nova etapa, a 4ª (2003) dá lugar ao carro flex, que em paralelo ao aumento do petróleo, o álcool ressurgiu como substituto natural da gasolina, com a venda de 12,5 milhões/unidades, onde o flex conquistou o mercado de 86% dos veículos leves.

Com a proposta de amenizar o impacto no Brasil do choque imobiliário (EUA) e da economia mundial (2008/2009) o Governo incentiva maciçamente a produção e a venda de automóveis flex, com a isenção de impostos (Pis e Cofins) e prazos maiores (60 a 90 meses) provocando naturalmente uma grande expansão do mercado, principalmente via crédito.

No ano seguinte (2009), o ciclo de investimento e de endividamento andaram juntos, já que os preços das commodities em geral apresentaram uma grande baixa, exceto em açúcar ao produtor que subiu 73% em relação a 2008. Sobem mais 12% em 2010 e mais 31% em 2011, sempre com base março. Em paralelo o álcool hidratado tem uma retração de (24%) entre 2009 e 2008. Entretanto, sobem mais 30% em 2010 e 169% em 2011. Resultado, os investimentos são suspensos ou postergados e a opção do setor se volta ao açúcar, com demanda em expansão e muito mais lucrativo, já que a Índia, além de grande produtora e forte comerciante enfrentava sérios problemas de oferta de cana-de-açúcar devido ao clima (seca).

Conclui-se e é bom lembrar que a produção de álcool e muito menos de gasolina acompanharam o crescimento da frota flex que cresceu 8,5%, ou seja, mais que o PIB de 7,5% em 2010, que alcançou a soma de US\$ 2 098,8 bilhões, embora a taxa de inflação de 5,79% também tenha sido elevada. Há que se considerar ainda e já mencionado anteriormente, a decisão das usinas voltarem-se à produção de açúcar, com preços muito mais remuneradores no mercado interno e igualmente mais elevados no mercado mundial, em particular nas três últimas safras.

Finalmente, um outro ponto à reflexão, em termos de solução ou risco, é a tentativa de se aplicar ao álcool, a mesma sistemática operacional do petróleo, onde se tem a obrigação da fiscalização da produção e metas de desenvolvimento, que na prática transfere à ANP- Agência Nacional do Petróleo, o controle total do sistema produtivo do álcool.